

A subjetividade e o espelho: mudanças na imagem corporal e a clínica psicanalítica da adolescência

Ana Júlia Guinle¹

Edson Saggese²

RESUMO O trabalho visa discutir a problemática relacionada à imagem corporal no período da adolescência. Parte da premissa de que, para além do caráter biológico, a corporeidade na adolescência traz consequências subjetivas, por implicar para o sujeito a questão da alteridade. Para alcançar esse propósito, definem-se três eixos teóricos: o conceito de narcisismo de Sigmund Freud, o estágio do espelho em Jacques Lacan e a imagem inconsciente do corpo de Françoise Dolto. Em seguida, esses conceitos são relacionados ao período da adolescência e à intensa transformação corporal característica deste período. Os conceitos servirão como base para a articulação teórica de vinhetas clínicas de três casos atendidos em um ambulatório público.

PALAVRAS-CHAVE: imagem corporal; adolescência; psicanálise.

1. Especialista em psiquiatria e psicanálise com criança e adolescente no Instituto de Psiquiatria – IPUB/ UFRJ e participante do Proadolescer.

2. Professor do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Coordenador do Proadolescer.

*Meu catavento tem dentro
O que há do lado de fora do teu girassol
Entre o escancarado e o contido
Eu te pedi sustenido
E você riu bemoal
[...]
Cê tem um jeito verde de ser
E eu sou meio vermelho
Mas os dois juntos se vão
No sumidouro do espelho
(Guinga & Aldir Blanc)*

Introdução

A noção de adolescência como um período etário entre a infância e a fase adulta é recente na história do Ocidente. Segundo Ariès (1986), esta categoria social começa a ser assinalada a partir do século XVIII e surge no Ocidente seguindo a criação, a nível da sociedade, de um *sentimento de infância*. Sob esse ângulo, os períodos etários não são trans-históricos, respondendo às mudanças sociais. O sentimento de infância, portanto, diz respeito à representação da criança como algo além de um *adulto em miniatura*, e a adolescência, a um novo período etário que tem se estabelecido ao longo dos últimos séculos e adquirido proeminência a partir do século XX.

Com a modernidade das sociedades ocidentais, foram perdidas as demarcações e os ritos que indicavam um lugar no mundo para o indivíduo adolescente. Aliás, nas sociedades pré-modernas, nem de indivíduo poderíamos falar: tratava-se de membros de um conjunto social (clã, tribo ou casta) que atravessavam certos ritos de passagem para acederem a um lugar estável no seu grupo social (Saggese, 2001). Com as mudanças produzidas pela modernidade, outros indicadores de travessia, menos determinantes, tomaram o lugar daqueles pré-modernos para indicar os caminhos de passagem entre a criança e o adulto, criando o que denominamos adolescência. Dentre as contribuições para as transformações da estrutura etária do curso da vida pode-se listar a organização escolar seriada, a constituição de uma carreira profissional, a passagem das famílias extensas às famílias nucleares. O projeto da modernidade, rompendo com a tradição, obrigava o indivíduo a buscar seus próprios caminhos.

Iniciou-se, mais marcadamente no século XX, a passagem por um período que chamávamos de *crise da adolescência*, que o psicanalista Erik Erikson (1976) vai conceituar como uma *moratória social*, ou seja, uma fase etária na qual há uma espécie de licença da sociedade para não ser nem criança nem adulto.

Nesse sentido, Aberastury & Knobel (1981) apontam para a dificuldade dos adolescentes em se adaptar e se integrar ao meio, sendo isto algo esperado dos sujeitos que atravessam um período de transição. Os autores compreendem a adolescência como uma *crise normal*, isto é, um período crítico que deve obrigatoriamente ser atravessada por ser inerente ao processo de desenvolvimento do sujeito.

Devido às particularidades da adolescência, podemos perceber como algumas questões do sujeito tornam-se proeminentes e mais chamativas nesse período etário, como é o caso dos impasses em relação ao corpo. À crise adolescente acrescentam-se mudanças socioculturais aceleradas que contribuem para a crescente importância do corpo na expressão de conflitos ditos psíquicos, como apontam alguns psicanalistas.

Essa percepção parece confirmar-se na realidade da clínica do ambulatório infanto-juvenil do Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPUB): o número de jovens com sofrimento psíquico ligado às questões corporais tem tido um aumento significativo. A constatação do aumento dos sintomas ligados ao corpo tem impulsionado diversos estudos no campo da psicanálise, apontando para a relevância de um aprofundamento teórico sobre o assunto. Segundo Birman (2006), é possível identificar na contemporaneidade novas formas de mal-estar, sendo o registro do corpo uma das formas atuais de apresentação desse sofrimento. O autor afirma que tais mudanças na subjetividade decorrem de um longo processo de transformações históricas, sendo a clínica apenas um ponto de chegada para essas mudanças.

Com vistas à discussão do problema, buscamos articular teoria e clínica, partindo da experiência de atendimentos psicanalíticos em um ambulatório infanto-juvenil. Não se tratam de casos clínicos descritos em pormenor, mas fragmentos de uma clínica em que o corpo aparece de forma proeminente. Começaremos explorando a narrativa das adolescentes, fazendo algumas considerações sobre seus conflitos. Na sequência, faremos um breve estudo sobre a questão do corpo na psicanálise e suas consequências na adolescência. Retomaremos, nas considerações finais, outros aspectos que ligam a problemática do corpo adolescente às principais concepções teóricas abordadas neste trabalho.

Os casos, descritos em vinhetas clínicas, são de três adolescentes do sexo feminino, negras e de origem social humilde. Estes três elementos – feminino, negritude e classe social – configuram-se como importantes para a formação de suas subjetividades. No presente artigo, contudo, escolhemos por selecionar apenas o tema da corporeidade e das identificações no processo de adolecer. Os nomes das pacientes citadas se configuram como nomes fictícios e alguns dados dos relatos e de identificação foram alterados para a manutenção da confidencialidade dos casos.

As adolescentes, seus corpos, suas marcas e seus ideais

Bruna tem 14 anos e reside com a mãe e a companheira da mãe em uma comunidade. Em sua primeira entrevista no ambulatório infanto-juvenil, a adolescente chega de casaco, com uma maquiagem forte nos olhos, e com a queixa de sua mãe sobre os cortes que ela fazia em sua pele. Bruna, ao contrário da mãe, não foca nessa questão nas sessões, trazendo, por outro lado, situações que ela vive como crises: diz que, repentinamente, começa a chorar e sente dores muito fortes. Segundo Bruna, sua mãe buscou tratamento para ela quando tomou conhecimento que se cortava, antes disso não se sentia acolhida pela mãe em seu sofrimento.

Um aspecto muito presente nos atendimentos durante esse período era a sua sensação persistente de ser olhada, o que lhe causava significativo desconforto. Sentia-se olhada mesmo dentro de casa, no quarto, no banho. Por conta disso, no ambiente de sua casa e na rua, precisava usar roupas que escondessem o seu corpo.

A narrativa de Bruna durante o atendimento passa a concentrar-se em torno do incômodo com seu corpo. Durante seguidas sessões esse era o assunto predominante. Construir um discurso sobre seu incômodo na relação com o corpo próprio parece ter efeitos visíveis sobre a apresentação da adolescente: diminui sua necessidade de usar forte maquiagem nos olhos e desobriga-se de usar, permanentemente, calças e casacos, o que fazia independente das circunstâncias climáticas.

Cogitamos que, para Bruna, como para muitas adolescentes, a presença do Outro era vivida como uma presença maciça e persecutória, da qual ela precisava se esconder, se proteger através das roupas, proteger-se de um olhar que era de certa forma onipresente. Podemos caracterizá-lo da forma como faz Lacan (1973/1979):

O olhar se vê – precisamente esse olhar de que fala Sartre, esse olhar que me surpreende, e me reduz a alguma vergonha, pois é esse o sentimento que ele esboça como o mais acentuado. Esse olhar que encontro – isso pode ser destacado no texto mesmo de Sartre – de modo algum é um olhar visto, mas um olhar imaginado por mim no campo do Outro. (p. 84)

Reconhecemos, nesse caso, a conjugação de olhar e corpo como um aspecto do remanejamento da imagem do corpo produzida pelos novos caminhos que toma o desejo quando da travessia da adolescência. Percebemos, no relato da adolescente, a incidência de conflitos com o Outro em sua relação com o corpo. No que parece ser um esforço para aproximar-se do seu eu ideal (exploraremos o conceito mais adiante), Bruna procurava fazer dietas, contudo, afirmava não conseguir se alimentar de comida “caseira”, a comida feita pela mãe, precisando, portanto, fazer refeições fora de casa. Bruna descrevia uma necessidade de se sentir *cheia*, e, portanto, alimentava-se com frequência e em grande quantidade. Em que a comida materna já não a satisfazia mais? Haveria um conflito entre a dependência à mãe e as exigências sobre o corpo que adolescência e ficava exposto a outros olhares desejantes?

Fernanda, de 17 anos, também chega ao ambulatório a partir da queixa de sua mãe de que ela estava se cortando. Ela, ao contrário de Bruna, falava com mais frequência sobre esse ato de se cortar e dizia que o fazia na tentativa de apagar a dor emocional que estava sentindo, substituindo-a pela dor física. Essa jovem relatava dificuldades em sentir emoções e de chorar. Por outro lado, comentava que sentia tremedeiras e tonturas quando passava por situações desagradáveis. Pontos importantes abordados nas sessões de Fernanda referiam-se às falas e aos olhares de recriminação que ela sentia partir de seus familiares. Conta que ouvia desde pequena que cresceria e se tornaria uma mulher vulgar. Na adolescência, seus familiares passaram a vigiá-la e a controlar sua vida sexual, pressupondo que ela faria algo de errado, no julgamento deles. A jovem dizia que era como se os olhares críticos sempre a condenassem, no entanto, também percebia a ambivalência desses olhares, sobretudo aqueles dos seus familiares masculinos, que, a par da censura, recheavam-se de conotação sexual.

Diante do olhar do outro, Fernanda diz não se inibir, mas, por outro lado, tem grandes dificuldades de se relacionar e se aproximar dos homens. Foi possível perceber nos atendimentos que as falas do Outro familiar foram acolhidas singularmente por ela, que não quer fazer jus a essas falas críticas, criando assim as dificuldades de se aproximar dos homens. A conjugação do olhar sobre o cor-

po com sua conotação sexual e o recalque dessa conotação parecem ser o motor da angústia que gera o recurso aos cortes na pele que produzem dor corporal.

Freud em “Além do princípio do prazer” de 1920 e “Inibição, sintoma e angústia” de 1926 faz referências às relações entre dor física, dor psíquica, angústia e perda do objeto. Neste último, ele escreve: “a dor é reação propriamente dita à perda do objeto, e a angústia, ao perigo que essa perda traz consigo e, em deslocamento posterior, ao perigo da perda do próprio objeto” (Freud, 1926/2014, p. 121). Pouco adiante, Freud acrescenta: “contudo, não desprovido de sentido que a linguagem tenha criado o conceito de dor interna, psíquica, e que compare à dor física o sentimento da perda de objeto” (p. 122). Podemos encontrar nessas referências freudianas um caminho para a compreensão dos fenômenos dos cortes em Fernanda como uma tentativa de apagamento do perigo, cuja angústia é o sinal, de perda do objeto, ou melhor, do amor do objeto: a dor física tomando o lugar da dor psíquica, mais difícil de suportar. Nesse caso, apontamos o conflito entre a retomada das moções sexuais que ocorrem na adolescência e o temor da perda do amor relacionado àqueles objetos mais primitivos, como os pais da infância.

Carolina, por sua vez, tem 19 anos e, desde o início dos atendimentos, traz assuntos relacionados ao seu corpo para as sessões. Ela é uma mulher negra, de biótipo *esguio* e que, com frequência, faz mudanças no seu cabelo, por exemplo, coloca *dreads*, faz enroladinho ou tranças, pinta de diferentes cores ou raspa o cabelo.

É preciso dizer que essa relação com o cabelo possui um lugar social, sendo, no presente, uma forte preocupação de mulheres negras na defesa das suas marcas étnicas. Porém, para Carolina, essas mudanças no cabelo também representam uma ligação com a sua mãe e trazem conflitos com membros de sua família. Essa ligação com a sua mãe diz respeito ao fato de sua mãe ter começado a fazer diversas mudanças no cabelo desde que passou por um episódio de doença e, da mesma forma, Carolina tem esse costume quando vive situações difíceis, atribuindo aos cortes de cabelo papel fundamental nesses momentos.

Sobre esse aspecto, percebemos que os cortes de cabelo possuem grande valor para Carolina, mas também são motivo de incômodo. Segundo ela, seus familiares a julgam por conta desse costume e Carolina tem receio de fazer tais mudanças no cabelo e ser alvo de críticas. Além disso, Carolina aponta uma contradição entre ter um corpo de biótipo magro e, ao mesmo tempo, escutar dos homens da família que seu ideal de mulher é daquela *mais encorpada*. Ela relata ouvir de seu pai comentários em que demonstra preferir que sua mãe

alise o cabelo, deixando-o longo e liso. Além disso, escuta, desde pequena, comentários de seu tio a respeito de seu corpo, dizendo que ela deveria ter cabelos longos e deveria ganhar peso, pois, segundo ele, o homem prefere a mulher encorpada. Carolina relata que, ao mesmo tempo em que seu pai não possui um ideal de mulher *encorpada*, ela atribui mais importância para o ideal de mulher de seu tio, pois, quando pequena, passava mais tempo com ele, que cuidava dela, do que com seu pai. Carolina traz também um conflito com o que ela nomeia de *um ideal da sociedade*, que a mulher negra deve ser *mais encorpada*, e, portanto, fala da sua dificuldade em aceitar seu corpo como ele é.

Partindo desse exemplo, é possível chegar aos aspectos da teoria psicanalítica, que serão desenvolvidos mais adiante, e que servem para pensar as questões vividas por uma adolescente. Na proposição de Freud: “o eu é sobretudo corporal, não é apenas uma entidade superficial, mas ele mesmo a projeção de uma superfície” (Freud, 1923/2011, p. 32). Para o criador da psicanálise, há uma relação intrínseca entre o eu e o corpo do sujeito. A fim de compreender Carolina, é preciso entender seu lugar como sujeito/corpo. Em primeiro lugar, trata-se do corpo de uma mulher negra. Conceição Evaristo (2009) acentua a importância da questão:

Quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um “corpo-mulher-negra em vivência” e que, por ser esse “o meu corpo, e não outro”, vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta. (p. 18)

Assim, as questões de Carolina se referem a impasses entre a sua relação com o seu corpo e diferentes eus ideais, construídos na relação com o Outro e suas diversas representações: (a) entre o seu corpo vs. ideal cultural do seu corpo; (b) o seu corpo vs. ideal de seu tio; (c) o ideal de tio vs. ideal de seu pai; (d) seu ideal vs. ideal do menino que gosta.

As falas de familiares que marcaram Carolina remetem à ideia, que será aprofundada adiante, de que o eu é também constituído por enunciações, juízos de valor e declarações de preferência ou de rejeição, os quais, de formas diferentes, constroem o eu ideal e o ideal do eu (Garcia-Roza, 2008). Essas falas, por mais que provenham de um outro externo, significativo para o sujeito, são acolhidas singularmente, constituindo um Outro já subjetivado como parte dos ideais do sujeito. Para Carolina, a fala do seu tio em relação ao seu ideal de mulher, como ela diz, possui mais impacto para ela do que a fala de seu pai. Esse

imperativo de ser mais *encorpada* torna-se uma questão que ela procura dar conta de diversas formas.

Na próxima seção vamos examinar mais detidamente as teorias psicanalíticas que relacionam a constituição da imagem do corpo e seu ideal, explorando, posteriormente, a problemática que Carolina e as outras adolescentes apresentam à consideração da clínica com adolescentes.

A imagem do corpo para a Psicanálise

Partindo da leitura sobre as noções de narcisismo, de Sigmund Freud, estágio do espelho, de Lacan, e imagem inconsciente do corpo, de Françoise Dolto, passaremos, em seguida, a pensar nos efeitos da constituição primária da imagem corporal sobre o período da adolescência.

Com efeito, a noção de narcisismo em Freud pressupõe um estado anterior da sexualidade infantil, denominado autoerotismo, no qual as pulsões parciais obtêm satisfação no próprio corpo. Para o criador da psicanálise, não há unidade análoga ao eu no início, sendo necessária uma *nova ação psíquica* para que o narcisismo se constitua. O narcisismo, portanto, diz respeito a um originário investimento libidinal do eu, do qual, posteriormente, uma parte será cedida aos objetos. Estes investimentos do eu e dos objetos, contudo, permanecerão relacionados fundamentalmente (Freud, 1914/2010b).

Para Freud (1914/2010b), uma das vias de acesso para a compreensão do narcisismo é a vida amorosa dos seres humanos. Isso ocorre, pois, segundo o autor, há dois tipos de escolha de objeto, o tipo narcísico e o tipo por apoio. O primeiro pode ser designado como o amor no qual a pessoa ama a si mesma, o que ela foi, quem ela gostaria de ser (ideal do Eu), ou a pessoa que foi parte dela mesma. O segundo se refere ao amor àqueles que a nutriram, protegeram, ou seja, a mãe ou o seu substituto.

Quinet (2012) ressalta que o narcisismo de Freud diz respeito ao “amor por esse eu que vejo no outro, o amor por esse outro mim mesmo, amor pela imagem de mim mesmo como outro” (p. 11). Aqui podemos perceber a importância da presença do outro na constituição do eu e como este é constituído com base na relação com a alteridade.

Sob esse ângulo, Freud postula a importância do investimento dos pais para o narcisismo dos filhos. É fundamental que a criança seja colocada no lugar de *Sua Majestade, o Bebê*, isto é, a atitude dos pais de atribuir à criança todas as perfeições, ocultar seus defeitos e pensar em realizações para os filhos que

muitas vezes aparecem como uma expectativa de que o seu bebê concretize os seus sonhos não realizados (Freud, 1914/2010b).

Em 1914, Freud apresenta também o que ele designa de ideal do Eu. Como o indivíduo não quer abdicar da perfeição narcísica e da satisfação que desfrutou na infância, o amor a si mesmo aparece deslocado para essa instância ideal. O ideal do Eu, portanto, aparece como um substituto para o narcisismo. No ponto de sua obra em que Freud apresenta essa instância ideal, é possível destacar uma distinção entre Eu ideal e ideal do Eu. Garcia-Roza (2008) enfatiza que o eu é também constituído por enunciações, juízos de valor e declarações de preferência ou de rejeição. Nesse sentido, o Eu ideal remete à forma particular do eu, ao qual se atribui todas as perfeições e sobre o qual recai o amor de si mesmo que o Eu real desfrutou na infância. Essa imagem, como foi visto anteriormente, foi constituída quase totalmente pelos pais, que projetam no filho seu próprio narcisismo. Assim, o Eu ideal, que passa pelo olhar e o discurso dos pais sobre a criança, produz uma imagem idealizada referida ao corpo do sujeito. Como desdobramento do Eu ideal, pode-se considerar o Ideal do Eu como imposto pelo registro simbólico. Trata-se de exigências que o sujeito terá de cumprir e que se situam no âmbito da lei (Garcia-Roza, 2008). Essa instância ideal possui um estatuto de modelo e está em conformidade com os valores herdados das instâncias parentais e da sociedade (Kaufmann, 1996).

Se em Freud já aparece claramente a conjugação do olhar do Outro sobre o corpo do sujeito para constituir o Eu ideal, com Lacan fica mais explícita a conjugação da imagem com o referencial simbólico trazido pela linguagem. Lacan (1966/1998) descreve o estádio do espelho como um momento de construção da imagem do corpo próprio. Tal processo ocorreria entre 6 e 18 meses de idade e trata-se de uma identificação, uma transformação produzida no sujeito ao assumir uma imagem. É a primeira formação de um Eu, a qual unifica a experiência do sujeito através da assunção de uma imagem. O Eu se precipita em uma forma primordial e assume com júbilo a imagem especular como sendo sua. Essa forma situa a instância do Eu em uma linha de ficção irreduzível, o que ocorre porque o Eu se constitui com uma imagem externa, imagem refletida no espelho. Fora do Estádio do Espelho, a criança não possui uma imagem unificada do corpo, esta é apenas adquirida com a especularidade. Esta identificação, contudo, só é possível quando um outro reconhece a imagem especular como sendo dela, da criança. O Eu só assume o valor de sua representação imaginária a partir de um outro que venha a reconhecê-lo em sua própria imagem. Em

outras palavras, a construção da imagem do corpo só é possível através da mediação do olhar desejante do outro (Fortes, 2008).

Françoise Dolto, por sua vez, partindo de uma perspectiva lacaniana, apresenta sua própria contribuição para o entendimento do registro do corpo, propondo a distinção entre esquema corporal e imagem inconsciente do corpo. O primeiro consiste no representante da espécie humana, sendo o mesmo para todos os indivíduos, e o segundo se refere à representação inconsciente do corpo, como a autora escreve: “a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante” (Dolto, 1984/2017, p. 14).

O esquema corporal, definido como o mediador entre o sujeito e o mundo, é em parte inconsciente, mas também consciente e pré-consciente. Assim, diz respeito ao “viver carnal no contato com o mundo físico” (Dolto, 1984/2017, p. 10). Para a autora, o esquema corporal é o intérprete ativo ou passivo da imagem inconsciente do corpo, permitindo a objetivação da intersubjetividade. Sem ele, sem o suporte que representa, a imagem inconsciente do corpo permanecerá como um fantasma não-comunicável (Dolto, 1984/2017).

Ao passo que a constituição do esquema corporal se estabelece da mesma forma para todos os indivíduos, a imagem do corpo se refere a algo particular e único do sujeito. Ela é a síntese das experiências emocionais do sujeito, memória inconsciente de todo o seu vivido relacional, mas que se atualiza no presente, é atual e está em situação dinâmica, ao mesmo tempo narcísica e inter-relacional. Desse modo, a imagem corporal é predominantemente inconsciente, podendo se tornar pré-consciente quando associada à linguagem consciente (Dolto, 1984/2017). De acordo com a autora:

ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu. Quero dar a entender que o sujeito inconsciente desejante em relação ao corpo existe desde a concepção. (Dolto, 1984/2017, p. 14)

Segundo Dolto (1984/2017), a expressão “imagem inconsciente do corpo” é um jogo de palavras dividido em três partes. A primeira letra “I” se refere a “Identidade”; o “ma” significa a primeira sílaba da palavra “mamãe” – a criança pronuncia mamãe precedida da palavra “minha” (“*ma maman*”) e seguida do “me ama” (“*m’aime*”), que em francês é homófono do adjetivo “mesmo” (“*même*”), que marca a identidade absoluta; a palavra “gem” (“*ge*”) é a Terra, a base ou

mesmo o corpo, e também significa o “eu” (“*je*”), pronome pessoal da primeira pessoa do singular. Dessa forma, Dolto (1984/2017) compreende I-ma-gem (“*i-ma-ge*”) como o “substrato relacional com o outro” (p. 10-11). Ela pontua que a palavra “imagem” se refere ao aspecto de identidade, identificação, seu significado não se refere à ideia de imagem especular. A autora afirma ser uma imagem inconsciente e não-especular.

A imagem inconsciente do corpo, contudo, não corresponde necessariamente ao esquema corporal, podendo haver um descompasso entre ambos (Dolto, 1984 citado por Zornig, 2008). Para que o bebê se reconheça para além de um corpo biológico, como alguém dotado de importância para o outro, ele necessita de um cuidado materno que lhe dê um estatuto singular e uma dimensão subjetiva. Dessa forma, a imagem inconsciente do corpo é construída em uma relação centrada em trocas afetivas, na qual a criança será introduzida em uma relação simbólica (Zornig, 2008).

A imagem do corpo na travessia da adolescência

Pode-se dizer que, na adolescência, o sujeito cria uma relação particular com o espelho. Olhar-se no espelho ganha relevância à medida que o corpo se transforma e, aos poucos, adquire o formato de um corpo adulto. Na adolescência, há uma vivência de transição de um corpo infantil para um corpo adulto: pêlos, silhueta, voz, dentre outras características, modificam-se com o advento da puberdade, trazendo consequências subjetivas.

Fortes (2008) aponta para a relação entre o impacto das transformações corporais da puberdade e a perda do corpo infantil e da proteção dos pais. Estas perdas se relacionam fundamentalmente, uma vez que perder o corpo infantil representa a perda da proteção dos pais, que caracteriza o mundo infantil. O adolescente sofre a exigência de ocupar-se de um corpo novo, que deverá substituir a imagem que mantinha de um corpo infantil. Com isso, o jovem vive um momento de luto, e está aí a importância desta transição.

A partir do estádio de espelho de Lacan, vimos que a construção da imagem do corpo pelo sujeito só ocorre a partir da presença do Outro, que reconhece a imagem especular como do sujeito. Nesse momento, produz-se uma forma de estar no mundo, em que o sujeito não cessa de cobrar a explicação de sua imagem e de seu Eu a esse outro. Pequeno outro para o qual o sujeito dirige uma primeira vez seu olhar em busca de um assentimento de que a imagem no espelho era a sua própria (Kaufmann, 1996).

No tempo da adolescência, o sujeito vive a transição do espaço intrafamiliar para o extrafamiliar, que implica em um alargamento das relações sociais. Dessa forma, pode-se dizer que o lugar privilegiado dos pais passa a ser ocupado pelo outro do laço social. Esse processo implica em uma modificação do valor do corpo do adolescente. Na infância, realiza-se uma estruturação da imagem do corpo, que será posta à prova na adolescência sob o olhar do outro do laço social. Assim, as inquietações frente ao corpo se relacionam com a busca desse reconhecimento que não se direciona mais ao olhar da mãe, mas em um para além deste olhar (Fortes, 2008).

É nesse sentido que Rassial (1999) nomeia a adolescência como um “só-depois do estádio do espelho” (p. 17). O autor afirma que, na adolescência, o sujeito terá que se reapropriar de uma imagem do corpo transformada sob o olhar do outro. Em outras palavras, a questão da imagem do corpo e as inquietações frente ao corpo por parte do adolescente estão relacionadas à problemática da especularidade (Fortes, 2008).

Para Rassial (1999), há uma tendência por parte dos adolescentes a brincar com o espelho. A pergunta “Quem olha quem ou o quê?” (p. 39) torna-se uma questão particular da adolescência, que reedita a identificação e reformula o estádio do espelho.

Além disso, no tempo da adolescência, a “certeza de ser”, constituída na infância através do estádio do espelho, é abalada. Assim, Rassial (1999) diferencia a fase adulta da adolescência, na qual “esta montagem é desarrumada, a interrogação sobre o ser é reavivada e o alicerce especular deixa aparecer suas fraquezas” (p. 48). Na fase adulta, por outro lado, o sujeito é assegurado pela solidez imaginária do Eu, apoiado em uma certeza de ser, de estar lá.

A partir da psicanálise, podemos pensar que o sujeito, ao se olhar no espelho, não vê exatamente a sua imagem, mas sim uma imagem que deve muito ao olhar dos outros. O sujeito vê o que imagina que os outros veem (Calligaris, 2013). Está aí a ideia do encobrimento narcísico que o sujeito possui ao se olhar no espelho, que é tão fundamental para o amor próprio, mas não oferece garantia, nem está imune aos olhares dos outros.

Assim, é possível dizer que, na adolescência, essa questão se apresenta com mais intensidade. Segundo Rassial (1999), “o alicerce especular deixa aparecer sua fraqueza” (p. 48). A montagem constituída no estádio do espelho é abalada e, com isso, a certeza de ser estremecida e a interrogação sobre o ser, reavivada.

Freud (1912/2013), ao tratar de questões corporais, já dizia “anatomia é destino” (p. 362). Assim, diante do exposto, podemos reformular tal assertiva e dizer “anatomia destina-se ao olhar do Outro”.

Além disso, outra forma de compreender as questões corporais que se apresentam na adolescência é a partir dos conceitos de imagem inconsciente do corpo e esquema corporal, a que Françoise Dolto se refere. Como foi visto, é possível que se dê um descompasso entre o esquema corporal e a imagem inconsciente do corpo. Quando isto ocorre, essa inadequação pode se desdobrar em uma dificuldade de o sujeito sentir o seu corpo de forma coesa. Esta questão pode ser associada ao que os jovens relatam com frequência como um sentimento de estranheza do corpo (Fortes, 2008).

Sob esse ângulo, há também a compreensão de que, na adolescência, a imagem corporal deverá ser reformulada pelo sujeito, o que possui diversos desdobramentos para o adolescente que desenvolve maior preocupação com o seu corpo. Tal preocupação pode ser geradora de verdadeiras obsessões com mínimos detalhes em relação ao seu corpo e, em alguns casos, levando a dismorfofobias – transtorno caracterizado por uma preocupação intensa com defeitos mínimos ou inexistentes (Fortes, 2008). Calligaris (2013) descreve com exatidão as preocupações que acometem o adolescente em relação ao seu corpo: “parado na frente do espelho, caçando as espinhas, medindo as novas formas de seu corpo, desejando e ojerizando seus novos pêlos ou seios” (p. 25).

Segundo Rassial (1999), na adolescência, a imagem do corpo é perturbada em quatro aspectos diferentes: pela modificação de seus atributos; por seu funcionamento; pela semelhança com o corpo do adulto e, mais especificamente, com o genitor do mesmo sexo; e, por fim, por sua importância para o olhar do adolescente ou do adulto do outro sexo. Tais mudanças alteram a imagem do corpo do adolescente e podem ser geradoras de muita angústia para estes sujeitos.

Rassial (1999) enfatiza a alteração da imagem do corpo no aspecto da semelhança com o corpo do adulto. Segundo o autor, a “ordem do mundo é perturbada” para o sujeito quando, na adolescência, a diferença dos sexos prevalece em relação à diferença das idades. Durante a infância, a questão do sexo é colocada de lado, devido ao período de latência que sucede o declínio do complexo de Édipo.

As transformações corporais no período da adolescência possuem particularidades, diferenciando-se das transformações que ocorrem ao longo da infância. Essas especificidades estão relacionadas com a sexualidade. Assim, há uma mudança no estatuto desse corpo que se relaciona com o acesso à genitalidade. O testemunho desse processo é a possibilidade concreta de o adolescente manter relações sexuais (Rassial, 1999).

Considerações Finais: o corpo adolescente e as questões postas pelo Outro

Os conceitos de narcisismo, estádio do espelho e imagem inconsciente do corpo são paradigmáticos para a noção de Eu, a relação Eu – corpo e a importância do Outro³ para a constituição do Eu e do corpo. A partir de Freud pode-se reconhecer a articulação destes três elementos. O autor é inovador ao afirmar a relação direta entre o Eu e o corpo, compreendendo o Eu como uma *projeção mental da superfície corporal*. Também é possível pensar que o Eu só existe na e pela relação com a alteridade. Por exemplo, o sujeito precisa ser narcisado, elevando-se à categoria de *Sua Majestade, o Bebê*, e necessita dos jogos de espelhos do Eu ideal para se constituir como sujeito (Moreira, 2009).

Ao fazer essa discussão teórica, verificamos a importância da incidência do Outro para a constituição da imagem do corpo do sujeito. Para Lacan, é preciso que um Outro reconheça a imagem refletida no espelho como sendo a do sujeito para possibilitar a antecipação imaginária do corpo unificado (*Gestalt*). Assim, antes do estádio do espelho, o sujeito não possui uma imagem unificada do corpo. Para Dolto (2017), a constituição da imagem inconsciente do corpo só é possível a partir de uma relação centrada em trocas afetivas. A autora ressalta a importância dos cuidados maternos ao colocar que a palavra “imagem” contém a sílaba “ma” de “mamãe”.

Para a compreensão da constituição da imagem do corpo, percebemos a importância do olhar desejante do Outro. No momento *a posteriori* da adolescência, vemos como há uma mudança desse olhar. O sujeito busca não mais o reconhecimento originário do Outro do olhar materno, mas o olhar do Outro, constituído pelos seus pares. Pares que representam tanto o grande Outro quanto o pequeno outro que se refere ao outro especular, imaginário, o outro que é “meu semelhante”.

Assim, vemos que a transição do espaço familiar para o espaço extrafamiliar e a exposição a novos olhares é um dos definidores da importância a ser atribuída às mudanças do aspecto físico trazidas pela puberdade.

Os fragmentos clínicos dos casos de adolescentes em análise faz aparecer a influência do conflito que envolve o outro (nas suas dimensões sim-

3. No caso dos três conceitos, há uma importância da presença tanto do pequeno outro, ou seja, do outro imaginário, especular, quanto do grande Outro, do Outro simbólico.

bólica e imaginária) nas questões corporais que elas apresentam. A chegada de duas das adolescentes ao tratamento foi possibilitada pela expressão de seu sofrimento no corpo através dos chamados *cuttings*. Apesar de buscarem ocultar tais marcas, ambas relataram terem sido notadas em seu sofrimento apenas quando seus familiares souberam dos seus cortes. Antes disso, relatavam incapacidade de alcançar a atenção desses pais e de serem vistas. Pode-se refletir que, por trás da relação delas com o corpo, estavam presentes elementos da relação com o Outro, que apontam para a necessidade de reconhecimento deste corpo pelo Outro.

Bruna, por exemplo, relatava sentir o seu corpo como um corpo estranho, que lhe causava angústia. Em diversas sessões ela usou o espaço para falar de cada mínimo aspecto de seu corpo – nariz, olhos, sobrelanceira, pescoço, orelha, mãos, unhas, pernas, dedos dos pés, e assim em diante. Questionava-se dos formatos e tamanhos de cada traço, da herança de cada parte e pensava sobre a sua cor e de seus familiares. Seguindo nosso entendimento, a paciente precisou fazer uma reelaboração de sua imagem do corpo na análise: redescrever a imagem do seu corpo era também redescrever a história das suas relações com os outros significativos da sua infância. Segundo o seu relato, ela passou a enxergar defeitos em seu corpo a partir de falas negativas que escutou de colegas e namorado. Podemos remeter esse exemplo à ideia de que, na adolescência, é preciso que o sujeito faça uma reelaboração da imagem do corpo construída na infância e, também, à proposição de que, na adolescência, a imagem do corpo será posta à prova sob o olhar do outro do laço social.

No caso de Fernanda, ela diz sentir um grande incômodo com relação aos olhares ditos *maldosos* dos homens. Podemos pensar que a jovem vive sua sexualidade de forma ambivalente: relata não se inibir diante dos olhares dos homens, porém teme a proximidade deles. Parece haver um conflito quanto ao desejo de ser olhada e o risco que esse olhar produz. Na adolescência, o conflito se acentua devido ao acesso à sexualidade adulta. Os cortes que ela produz na pele apontam para o retorno do recalcado sob uma forma indizível, mas reveladora do seu sofrimento psíquico espelhado no corpo.

No caso de Carolina, por sua vez, é interessante o lugar que o corpo ocupa nas sessões. Ela, que tem dificuldade de falar sobre si, permanecendo muitas vezes em silêncio, traz frequentemente o assunto do corpo que aponta para diferentes desdobramentos: da mulher que ela quer ser; das mulheres de sua família em que ela se espelha; de relações entre homens e mulheres; e das suas relações com homens.

Nesse exemplo, podemos pensar nas instâncias ideais, Eu ideal e ideal do Eu, que são construídas a partir de enunciações, juízos de valor e declarações de preferência ou rejeição (Garcia-Roza, 2008). Ela sente um conflito entre a distância da realidade do seu corpo e o ideal de seus familiares quanto a um corpo ideal de mulher e também do ideal construído pela sociedade sobre o corpo de uma mulher negra, nas suas palavras. Para Carolina, estas falas reverberam de diferentes maneiras e, por mais que provenham do Outro, são acolhidas singularmente e construídas subjetivamente.

Ao finalizar a discussão, constatamos que o corpo continua sendo um enigma, um registro de difícil apreensão pelos aportes teóricos. A partir de Lacan, podemos pensar que o corpo orgânico muitas vezes se apresenta apenas como uma *caixa de ressonância* (Nasio, 1993, p. 37), e seu funcionamento depende, na verdade, da relação com o outro especular, do Outro da linguagem e do real do gozo. Desse modo, percebemos a complexidade por trás da relação do sujeito com o corpo. Assim, concluímos ser importante uma escuta clínica dos sujeitos adolescentes, e de suas falas sobre questões corporais, pautada não só nos aspectos do corpo orgânico, mas nos processos psíquicos que condicionam a relação do sujeito com o corpo enquanto imagem.

A guisa de conclusão, escolhemos citar um verso da epígrafe do presente trabalho que toca sutilmente na importância da alteridade para o Eu. Foi possível ver como a relação Eu-outro se reflete nos processos corporais vividos na adolescência, assim como a imagem que constituímos do nosso corpo sempre reflete a forma que somos vistos. Como escreveram Aldir Blanc e Guinga, “meu cata-vento tem dentro o que há do lado de fora do teu girassol”.

Subjectivity and the mirror: body image change and the psychoanalytical clinic with adolescents

ABSTRACT: *This article seeks to discuss the problem of body image in the adolescence period. The proposition of the study is that beyond the biological aspect, the body in adolescence has subjective consequences because implicates the alterity to the subject. To reach this purpose, three theoretical pillars have been defined: Sigmund Freud's narcissism concept, Jacques Lacan's mirror stage and Françoise Dolto's conception of the unconscious image of the body. These concepts will be related to the adolescence phase and its intense corporal transformation. There will also be an articulation with three clinical fragments treated in a public ambulatory.*

KEYWORDS: *body image; adolescence; psychoanalysis.*

La subjetividad y el espejo: cambios en la imagen corporal y la clínica psicoanalítica de la adolescencia

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir la problemática relacionada con la imagen corporal durante la adolescencia. El punto de partida es que más allá del carácter biológico, la corporeidad en la adolescencia trae consecuencias subjetivas por implicar para el sujeto la cuestión de la alteridad. Para alcanzar este propósito, se definen tres ejes teóricos: el concepto de narcisismo de Sigmund Freud, el estadio del espejo de Jacques Lacan y la imagen inconsciente del cuerpo de Françoise Dolto. Luego estos conceptos están relacionados con el ciclo de la adolescencia y la intensa transformación del cuerpo, característica de este período. Los conceptos servirán como base para la articulación teórica de viñetas clínicas de tres casos atendidos en un ambulatorio público.

PALABRAS-CLAVE: imagen corporal; adolescencia; psicoanálisis.

Referências

- Aberastury, A. & Knobel, M. (1981). *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ariès, P. (1986). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Birman, J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Calligaris, C. (2013). *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- Evaristo, C. (2009). Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, 13 (25), 17-31. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/viewFile/4365/4510>
- Dolto, F. (2017). *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1984).
- Erikson, E. H. (1976). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Fortes, M. I. A. (2008). Adolescência e o corpo: considerações sobre a anorexia. In M. R. Cardoso & F. Marty (Orgs.), *Destinos da adolescência* (pp. 139-151). Rio de Janeiro: 7Letras.
- Freud, S. (2010a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *História de uma neurose infantil [“o homem dos lobos”], além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., Vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010b). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, *Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., Vol. 12, pp. 13-50). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (2011). O eu e o id. In S. Freud, *O eu e o id, “autobiografia” e outros textos (1923-1925)* (Obras completas, P. C. Souza, trad., Vol. 16, pp. 13-74). São Paulo: Cia. das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).

- Freud, S. (2013). Sobre a mais comum depreciação na vida amorosa (Contribuições à psicologia do amor II). In S. Freud, *Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“o homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., Vol. 9, pp. 347-363). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In S. Freud, *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)*(Obras completas, P. C. Souza, trad., Vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Garcia-Roza, L. A. (2008). *Introdução à metapsicologia freudiana 3: artigos de metapsicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Kaufmann, P. (1996). *Dicionário enciclopédico de psicanálise: o legado de Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1979). *O Seminário. Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).
- Moreira, J. O. (2009). Revisitando o conceito de eu em Freud: da identidade à alteridade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1), 233-247. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v9n1/v9n1a18.pdf>
- Nasio, J.-D. (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rassial, J.-J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Saggese, E. (2001). *Adolescência e psicose: transformações sociais e os desafios da clínica*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Zornig, S. M. A.-J. (2008). Pelo viés do corpo. *Mente e Cérebro*, 30, 44-54.

Recebido: 21/11/2019

Aceito: 16/03/2020

Ana Júlia Guinle

Rua Almeida Godinho, 19/ 308

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22471-140.

(21)991863916

anajuliagdemello@gmail.com

A subjetividade e o espelho: mudanças na imagem corporal e a clínica psicanalítica da adolescência

Edson Saggese

Rua Dona Mariana 72/1002

Rio de Janeiro – RJ – CEP: 22280-020.

(21)999712782

edsonsaggese@gmail.com